

Projeto Juventude e Prevenção da Violência

**Relatório de atividades:
síntese das ações,
produtos e conclusões**

Janeiro de 2009 a Fevereiro de 2011

Fichas Institucional / Técnica

Projeto Juventude e Prevenção da Violência

O Projeto Juventude e Prevenção da Violência é o objeto do Termo de Parceria 009/2008, firmado entre o Ministério da Justiça, por meio da Secretaria Nacional de Segurança Pública e com recursos do Pronasci, e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Sua consecução contou com amplo leque de parcerias, com destaque para o Instituto Sou da Paz, o Ilanud Brasil e a Fundação Seade.

FICHA INSTITUCIONAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Ministro da Justiça
José Eduardo Cardozo

Secretário Executivo
Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto

Secretária Nacional de Segurança Pública
Regina Maria Filomena de Luca Miki

Departamento de Políticas, Programas e Projetos
Alberto Kopittke

Diretora de Pesquisa, Análise da Informação e Desenvolvimento de Pessoal em Segurança Pública
Isabel Seixas de Figueiredo

Departamento de Execução e Avaliação do Plano Nacional de Segurança Pública
Sidnei Borges Fidalgo

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA

Presidente do Conselho de Administração
Jésus Trindade Barreto Júnior.

Conselho de Administração: Elizabeth Leeds - Presidente de Honra / Carlos Roberto Sant'Ana da Rosa / Denis Mizne / Humberto Vianna / Jacqueline Muniz / José Luiz Ratton / José Marcelo Zacchi / José Vicente Tavares dos Santos / Kátia Alves / Luciene Magalhães de Albuquerque / Luís Flávio Saporì / Renato Vieira de Souza / Sérgio Roberto de Abreu / Sílvia Ramos / Wilson Batista

Secretário Geral: Renato Sérgio de Lima

COMITÊS DE ACOMPANHAMENTO DO TERMO DE PARCERIA

2009-2010: Cláudio Bandel Tusco (MJ/DPF) / Helder Ferreira (IPEA) / Isabel Seixas De Figueiredo (SEDH) / Marcelo Ottoni Durante, presidente (SENASP) / Paula Miraglia (ILANUD Brasil) / Reinaldo Chaves Gomes (MJ/PRONASCI) / Renato Sérgio de Lima (FBSP)

2010-2011: Almir de Oliveira Junior (IPEA) / Claudio Bandel Tusco (MJ/DPF) / Denis Mizne (Instituto Sou da Paz) / Heloiza de Almeida Prado Botelho Egas (SDH) / Luciane Patrício Braga de Moraes, presidente (SENASP) / Renato Sérgio de Lima (FBSP)

AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

Ricardo Brisolla Balestreri / Reinaldo Chaves Gomes / Ronaldo Teixeira

FICHA TÉCNICA

SUPERVISÃO GERAL

Renato Sérgio de Lima

COORDENAÇÃO GERAL

Denis Mizne / Melina Riso / Paula Miraglia / Renato Sérgio de Lima

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Carolina Ricardo / Lígia Rechenberg / Marina N R Menezes / Mônica Zagallo / Samira Bueno

ADMINISTRAÇÃO

Hilda Mancuso / Amanda Gouvea / Fernanda Kamiyama

EQUIPE

Adalton Marques / Adriana Gomes de Paiva / Adriana Taets / Aico Sipriano Nogueira / Alberto Alvadia / Alberto Coutinho Rabelo / Alessandra M. Navarro / Alexandre Paiva Camargo / Aline Honorato da Silva / Aline Yamamoto / Ana Carolina Guerra / Ives Pekny / Ana Maria Narducci / Ana Maura Tomesani Marques / Ana Paula Portella ferreira Gomes / André Chui de Menezes / André Paiva / Aurélio Moschin / Camila Caldeira Nunes Dias / Camilo Flamarion Barbosa dos Santos / Carlos Henrique de Lima / Clarissa Galvão Cavalcanti Borba / Clarissa Ribeiro Huguét / Claudia Charoux / Daniel Angelim / Daniel Mazzuco / Debora Cristina Carrari / Débora Sousa Lopes / Dennis Van Wanrooij / Enrico Spaggiari / Erika Soares Sallum / Francisco José Pereira de Lima / Fransergio Goulart de Oliveira Silva / Iuri Pereira Jaime / Jaqueline Soares / João Cardoso / José Ap. Severino dos Reis / José Luis Ventura Leal / Juliana Vinuto / Karina Fasson / Laura Fernanda Zacher / Leticia Nuñez Almeida / Lígia Schiavon Duarte / Lize Marchini / Luiz Antônio Brenner Guimarães / Maia Fortes / Marcio Teixeira da Silva / Marco Aurélio Martins / Marcus Goes / Maria Eunice Xavier Kallil / Marília Ortiz / Martha Maria Jares Alves / Max Maciel Cavalcanti / Natalia Lago / Natalia Romano / Oteniel Almeida dos Santos / Patrícia Correia de Oliveira / Patricia Mercedes Henzell / Paula Regina da Silva Guerra / Paulo Eduardo Mancuso / Rebeca Zanetti de Traglia / Régia Cristina Oliveira / Regina Maria Prado Leite Erbolato / Reinaldo Chaves Gomes / Ricardo Augusto Romano Santa'anna / Ricardo Neves / Solange Gonçalves / Solange Martins / Stella Christina Schrijnemaekers / Terine Husek Coelho / Thandara Santos / Thiago Thadeu da Rocha / Tiago Rangel / Valéria Torres da Costa e Silva / Vanessa Abdo Benaderet / Vânia Regina Fontanesi / Vera Helena de Camargo / Welison da Silva Mesquita

CONSULTORES

Alex Niche Teixeira / Beatriz Silva Cruz / Cristina Neme / Doriam Luis Borges de Melo / Guaracy Mingardi / Haydée Caruso / Ilona Szabó de Carvalho / Jander Ramon / José Luiz Ratton Jr. / Liana de Paula / Lilian Liye Konishi / Luiz Flavio Sapori / Marlene Monteiro Pereira / Maria Cristina Rocha / Melissa de Mattos Pimenta / Neide Patarra / Silvia Ramos / Sonia Nahas de Carvalho / Tânia Pinc / Túlio Kahn

Redação do relatório: Lígia Rechenberg e Marina N R Menezes

Sumário

Apresentação

1

Introdução

2

Atividades realizadas e produtos do projeto

5

Eixo 1: Juventude e exposição à violência

5

Eixo 2: Sistematização das experiências de prevenção à violência entre jovens no país

12

Eixo 3 - Formação de gestores e elaboração de cartilhas sobre o tema prevenção da violência

17

E depois desse longo percurso, o que concluímos?

24

Contribuições deste projeto ao debate sobre prevenção da violência entre jovens

31

Apresentação

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública foi criado em 2006 na aposta política de que os desafios da segurança pública podem ser enfrentados com a união de esforços, com a aproximação de diferentes segmentos envolvidos com a temática (governos, policiais, sociedade civil organizada, universidades, entre outros) e com a indução de práticas de gestão baseadas na transparência democrática e no conhecimento qualificado sobre os problemas brasileiros.

Nesse processo, em 2008, firmou parceria com o Ministério da Justiça, por meio da Secretaria Nacional de Segurança Pública e do Pronasci, para aprofundar o debate acerca da associação dos jovens com a violência, na medida em que ela causa fortes impactos na sociedade brasileira atual e pressiona o Estado e suas instituições na execução eficiente de políticas públicas.

A preocupação do Ministério da Justiça foi, muito corretamente, a de investir na qualificação do Pronasci, num movimento que contempla todas as etapas do ciclo das políticas públicas e que busca estruturar ações de planejamento, execução, monitoramento e avaliação da Política Nacional de Segurança Pública.

Afinal, como temos demonstrado, desde 2007, no Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a área da segurança pública hoje no país não carece especificamente de falta de recursos financeiros, mas de capacidades institucionais aptas a transformá-los em indutores de maior eficiência na persecução da meta de um Brasil que garanta direitos e promova a paz.

O projeto “Juventude e Prevenção da Violência”, aqui detalhado, constituiu-se numa grande oportunidade de investigação, sistematização e capacitação em torno dos principais itens da agenda que envolve o impacto da violência nos jovens entre 12 e 29 anos de idade; na construção de referenciais metodológicos e de documentos que possam auxiliar intervenções públicas em áreas e territórios com elevados níveis de violência.

Dessa afirmação, nasce uma certeza que perseguiu a execução do projeto desde o seu início. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública faz questão de destacar que os resultados alcançados só foram possíveis graças às estratégias de estabelecimento de redes e de sinergias com outras iniciativas governamentais e da sociedade civil, com destaque para as ações da então Secretaria Especial de Direitos Humanos e demais ministérios parceiros do MJ na implementação do Pronasci, bem como a disposição das Secretarias Estaduais responsáveis pela administração prisional e do cumprimento de medidas socioeducativas.

Dito de outro modo, nós mobilizamos uma ampla rede de parceiros e de fontes de informação, com o envolvimento, por exemplo, do Instituto Sou da Paz, do Ilanud e de mais de uma centena de pessoas e entidades. O FBSP buscou registrar o complexo cenário pelo qual a realidade social e as respostas institucionais são o ponto de partida para o debate sobre o papel do Estado e da sociedade na prevenção da violência. Esperamos, com isso, termos contribuído com o Ministério da Justiça na sua tarefa de gerenciar a Política Nacional de Segurança Pública.

Finalmente, não poderíamos deixar de registrar alguns agradecimentos. Agradecemos aos jovens que se dispuseram a narrar suas trajetórias de vida e, nesse processo, nos permitiram apreender sobre os fatores de risco e proteção associados à violência. Agradecemos ainda a todos que ajudaram a tornar esse projeto viável.

São Paulo, fevereiro de 2011

Jésus Trindade Barreto Jr.

Presidente do Conselho de Administração

Renato Sérgio de Lima

Secretário Geral



Introdução

Nos últimos anos, muito tem se refletido sobre violência no país. O cenário vem mudando, mas o Brasil ainda figura entre os mais violentos do mundo, especialmente em razão das altas taxas de homicídios. Foram 48.610 mortes por homicídio em 2008, o que representa 25,6 homicídios por 100 mil habitantes. Em relação aos jovens, os números são ainda mais altos: foram 20.909 pessoas entre 15 e 29 anos mortas naquele ano. Além do recorte etário, os dados também revelam que as vítimas preferenciais da violência letal são do sexo masculino, residentes nas periferias dos grandes centros urbanos, negros e pardos e com baixo grau de escolarização.

Os autores desta violência que vitimiza principalmente os jovens do país não são desconhecidos. Apesar de haver menos estudos sobre autorias de crimes, os dados do sistema prisional indicam que mais de 60% dos presos no país são jovens entre 18 e 29 anos.

O que faz com que alguns jovens sejam vítimas e autores da violência? E, ainda mais importante, como prevenir o envolvimento desses jovens com o crime ou com a violência? Estas perguntas orientaram o Projeto Juventude e Prevenção da Violência, concebido e implementado a partir de uma parceria firmada entre o Ministério da Justiça, no âmbito das ações do Pro-

grama Nacional de Segurança Pública com Cidadania (PRONASCI), e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Neste relatório, apresentamos e sistematizamos as atividades realizadas, bem como os produtos e as principais conclusões geradas pelo projeto que foi desenvolvido entre janeiro de 2009 e fevereiro de 2011.

Visando aprofundar o conhecimento a respeito da associação de adolescentes e jovens de 12 a 29 anos¹ com a violência, bem como das estratégias para preveni-la, a iniciativa contemplou uma série de atividades – em sua maioria inéditas no país – que foram organizadas a partir dos seguintes eixos:



1. O recorte etário de 12 a 29 anos de idade foi adotado para contemplar a faixa etária prioritária do Pronasci, que engloba jovens de 15 a 24 anos de idade e, ainda, para atender a um pedido da Secretaria Executiva do Conjuve (Conselho Nacional de Juventude), que considera o recorte adotado como aquele que melhor define o que se pode ser considerado “juventude” no Brasil.

Para dar conta deste extenso e ambicioso programa de trabalho, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em sintonia com suas diretrizes estatutárias e buscando fortalecer a mobilização de esforços de vários atores como elemento central no desenho de ações eficientes, consolidou uma rede de apoiadores. Assim, o projeto foi executado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que ficou responsável diretamente pelas ações do Eixo 1, em parceria com o escritório brasileiro

do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delincente (Ilanud), responsável pelo Eixo 2 e pelo Instituto Sou da Paz, que respondeu pelas ações previstas no Eixo 3.

O presente relatório busca consolidar, de maneira resumida, o que foi produzido ao longo de mais de dois anos de execução do projeto: quatro pesquisas, oficinas de trabalho, textos de apoio, uma extensa sistematização, mais de 16 seminários, dois encontros

de formação, cinco cartilhas e um material de apoio para educadores que atuam em contextos violentos.

Além de uma breve descrição das atividades realizadas em cada Eixo, este material apresenta o que foi produzido e as principais conclusões a que se chegou após a análise das pesquisas e da sistematização e a realização das formações. Finalmente, apresenta recomendações gerais sobre a implementação de políticas de prevenção da violência focadas em adolescentes e jovens.

Todos os materiais produzidos pelo projeto (relatórios das pesquisas e da sistematização e materiais de formação para gestores e educadores) estão disponíveis para consulta na íntegra, no seguinte endereço: <http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos>

Localidades percorridas pelo projeto



Estado	Município
AC	Rio Branco
AL	Maceió
AL	Taquarana
AM	Manaus
BA	Salvador
CE	Aquiraz
CE	Fortaleza
DF	Brasília
DF	Brazlândia
ES	Cariacica
ES	Serra
ES	Viana
ES	Vitória
GO	Aparecida de Goiânia
GO	Goiânia
GO	Luiziânia
MG	Belo Horizonte
MG	Betim
MG	Contagem
MG	Sabará
MS	Campo Grande
PA	Belém
PE	Itamaracá
PE	Jaboatão dos Guararapes
PE	Olinda
PE	Recife
PR	Curitiba
PR	Piraquara
RJ	Duque de Caxias

Estado	Município
RJ	Nova Iguaçu
RJ	Queimados
RJ	Rio de Janeiro
RR	Boa Vista
RS	Alvorada
RS	Canoas
RS	Porto Alegre
RS	São Leopoldo
SC	Florianópolis
SP	Barra Bonita
SP	Campinas
SP	Diadema
SP	Guarulhos
SP	Osasco
SP	Santos
SP	São Bernardo do Campo
SP	São Paulo
TO	Palmas

Atividades realizadas e produtos do projeto

Eixo 1: Juventude e exposição à violência

O primeiro eixo do projeto teve como objetivo aprofundar o conhecimento sobre a exposição à violência de adolescentes e jovens brasileiros para além das estatísticas de crime e vitimização. Combinando técnicas de pesquisa quantitativa com outras de natureza qualitativa, foi adotada uma abordagem múltipla: partimos de uma perspectiva macro sobre as condições nos territórios que influenciariam a

vulnerabilidade de jovens à violência, pela qual dados socioeconômicos foram associados (IVJ – Violência) com pesquisas de opinião; conduzimos escutas com jovens e mães que vivem em alguns dos territórios vulneráveis e com policiais que atuam nestes locais; e, por fim, nos debruçamos especificamente sobre adolescentes e jovens que se envolveram em atos ilícitos e se encontram institucionalizados.

Abordagens múltiplas e complementares na análise da associação entre Juventude e Exposição à Violência



Desenvolvimento do IVJ-Violência

O primeiro produto deste Eixo foi o desenvolvimento, em parceria com a Fundação SEADE, do índice de vulnerabilidade juvenil à violência (IVJ-Violência). O índice permite que se analisem as condições dos municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes sob uma nova e necessária perspectiva: a vulnerabilidade de ado-

lescentes e jovens de se exporem e se envolverem com violência.

O IVJ-Violência classifica 266 municípios com mais de 100 mil habitantes em 2006 a partir da combinação de variáveis que contemplam os níveis de exposição dos jovens à violência urbana, a permanência na escola, a forma de inserção no mercado de trabalho e o contexto socio-

econômico e demográfico dos municípios. Ao conjugar essas diferentes dimensões, o IVJ-Violência revela-se uma importante ferramenta para os gestores de políticas de prevenção, pois sinaliza movimentos associados a contextos socioeconômicos e demográficos mais amplos e que demandam intervenções para além do enfoque criminal e repressivo.

- A metodologia de mensuração do IVJ-Violência permite que ele seja feito anualmente.
- Em novembro de 2009, foi lançado o IVJ-Violência com base nos dados de 2006. O índice apontou 43 municípios em situação de vulnerabilidade – 33 com alta vulnerabilidade e 10 com muito alta vulnerabilidade.
- O IVJ- Violência foi utilizado pelo Ministério da Justiça como parâmetro para adesão ao PRONASCI, em 2009: diversos municípios com os piores índices foram convidados a participar do Programa.
- Em dezembro de 2010, foi lançado o IVJ- Violência com base nos dados de 2007. Naquele ano, 56 municípios foram classificados como apresentando alta ou muito alta vulnerabilidade, e capitais como Maceió e Recife passaram a fazer parte desse grupo.

Escore médio do percentual população por indicadores de pobreza e desigualdade, segundo condição de vulnerabilidade juvenil à violência

Municípios com mais de 100 mil habitantes - 2006

IVJ - Violência	Escore médio do % de pessoas com renda familiar per capita inferior a 1/2 salário mínimo	Escore médio do % de pessoas de 25 anos e mais com menos de 8 ano de estudo	Escore médio do % de pessoas de 25 anos emais com mais de 11 anos de estudo	% de domicílios localizados em assentamentos precários
Baixa	0,19	0,40	0,60	2,70
Média- Baixa	0,24	0,44	0,55	8,60
Média	0,31	0,52	0,49	16,70
Alta	0,39	0,56	0,48	18,80
Muito- Alta	0,36	0,55	0,49	19,90
Total	0,28	0,48	0,53	12,40

Fonte: IBGE; Laboratório de Análise da Violência - LAV/UERJ; Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM/Datasus/Ministério da Saúde; Programa de Segurança Pública com Cidadania / Ministério da Justiça; Pronasci / Secretaria Nacional de Segurança Pública - Senasp; Fundação Seade; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Escore médio do percentual população por indicadores de pobreza e desigualdade, segundo condição de vulnerabilidade juvenil à violência

Municípios com mais de 100 mil habitantes - 2007

IVJ - Violência	Escore médio do % de pessoas com renda familiar per capita inferior a 1/2 salário mínimo	Escore médio do % de pessoas de 25 anos e mais com menos de 8 ano de estudo	Escore médio do % de pessoas de 25 anos emais com mais de 11 anos de estudo	% de domicílios localizados em assentamentos precários
Baixa	0,17	0,28	0,54	2,00
Média- Alta	0,20	0,32	0,48	9,60
Média	0,27	0,37	0,49	11,80
Alta	0,33	0,44	0,48	21,90
Muito Alta	0,32	0,46	0,44	14,70
Total	0,24	0,36	0,49	12,40

Fonte: IBGE; Laboratório de Análise da Violência - LAV/UERJ; Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM/Datasus/Ministério da Saúde; Programa de Segurança Pública com Cidadania / Ministério da Justiça; Pronasci / Secretaria Nacional de Segurança Pública - Senasp; Fundação Seade; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

“Estabelecida a evidência de que a violência atinge patamares alarmantes em todo o país, enfrentá-las implica lançar mão de políticas abrangentes”.

Editorial do jornal O Globo.

“Há motivos ponderáveis para crer na perspectiva de melhora gradual do atual cenário. O fenômeno da violência é intenso, porém, localizado”.

Editorial do jornal Folha de S. Paulo.

“Assim como já avançou na conscientização da defesa do meio ambiente, a sociedade precisa organizar reação inteligente e rápida, no sentido de identificar as verdadeiras causas dessa violência e implementar as medidas com vista à sua eliminação”.

Editorial do jornal Estado de Minas.

Para ler o relatório sobre o IVJ-Violência na íntegra:

<http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos> - Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência - IVJ-V

Pesquisa nacional sobre exposição dos jovens à violência

Foram selecionados 31 municípios (sendo 13 capitais) com ações do PRONASCI em dezembro de 2008 para a aplicação de uma pesquisa sobre riscos, históricos e percepção de violência entre jovens de 12 a 29 anos. A aplicação deste questionário foi realizada pelo Instituto Datafolha, entre junho e julho de 2009, a uma amostra significativa:

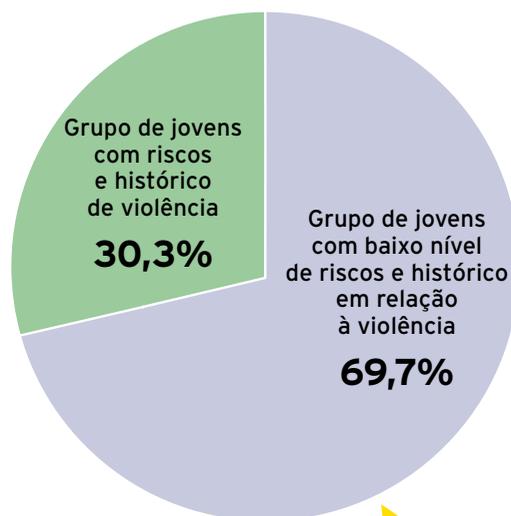
5.185 adolescentes e jovens, em pontos de fluxo dos municípios em questão.

A pesquisa investigou perfil (cor, estado civil, religião, renda familiar, ocupação, entre outros) e hábitos (participação em grupos, atividades de lazer mais frequentes) dos entrevistados, além de questões mais específicas sobre ter presenciado pessoas por-

tando armas de fogo, pessoas sendo assassinadas, violência policial e até mesmo sobre terem sofrido ameaças dentro ou fora de casa. A partir da análise dos resultados, os entrevistados foram classificados em dois grupos: com algum risco ou histórico de violência, ou com baixo nível de riscos e histórico de violência.

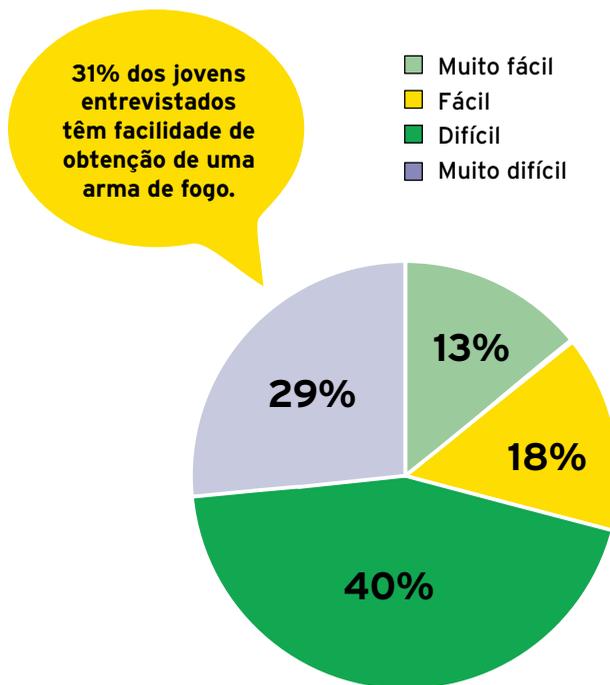
- Do total de entrevistados, 30,3% estão submetidos a alguma exposição ou risco de violência.
- Do grupo com baixo risco, 54,1% eram mulheres e quase a metade dos entrevistados (45,2%) tinha entre 12 a 18 anos. Já no grupo com algum risco, os homens eram maioria (56,1%) e 73,2% eram maiores de 19 anos.
- Metade dos entrevistados declarou ter presenciado violência policial, sendo que entre os integrantes do grupo de risco, esse percentual chegou a 57,6%.
- Entre os jovens mais expostos, quase metade (44,5%) viu pessoas serem mortas por armas de fogo e 88% declararam já ter visto corpos de pessoas assassinadas.

Risco e Histórico de Violência Grupos de Jovens de 12 a 29 anos



Presença constante da violência em quase 1/3 da população jovem.

Grau de Facilidade de Obtenção de uma Arma de fogo



Fonte: Ministério da Justiça/Secretaria Nacional de Segurança Pública; Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto de Pesquisas - Datafolha. Pesquisa realizada entre junho e julho de 2009.

Para ler esta pesquisa na íntegra:

<http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos> - Primeiros Resultados: Relatório Quantitativo

Pesquisa com enfoque regional sobre narrativas da violência

Nesta pesquisa, buscou-se um enfoque regional, contemplando as cinco macrorregiões do país (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) e procurando matizar as possíveis diferenças entre elas. A técnica de pesquisa foi o grupo focal, que reúne, no tempo de realização de uma entrevista individual, um grupo maior de pessoas com o perfil de interesse do pesquisador, que podem responder coletivamente a um roteiro de perguntas.

A pesquisa foi realizada em quatro capitais (Rio Branco-AC, Recife-PE, São Paulo-SP e Porto Alegre-RS) e um município (Luziânia-GO). Foram realizados seis grupos focais em cada cidade: dois grupos de adolescentes de 14 a 17 anos, dois grupos de jovens de 18 a 30 anos, um grupo de mães com filhos nessas faixas etárias e um grupo de policiais militares que atuam no patrulhamento e nas operações de rua nessas localidades.

No total, participaram 197 pesso-

as, sendo 135 adolescentes e jovens, 35 mães e 27 policiais militares.

A escuta possibilitou que se levantasse características dos bairros visitados (seus problemas, qualidades, auto-percepção e percepção externa sobre o local), o que significa ser jovem nestes locais, as modalidades de violência identificadas pelos participantes e suas motivações, as relações com a polícia, com a família, com grupos de pares, além de estratégias para lidar com as situações de violência, entre outros temas.

- A pesquisa não revelou diferenças regionais em relação às narrativas de violência: as mesmas questões surgiram em todas as localidades. De certa forma, comprovou a ideia de que os fenômenos estão mais relacionados com as características do território do que com as especificidades da região.
- As percepções dos grupos sobre o que faz um lugar ser violento – possivelmente a partir da realidade de onde vivem – também foram convergentes: presença de drogas, grande número de conflitos (brigas entre vizinhos, entre marido e mulher, de gangues) e de mortes violentas (homicídios); frequência de assaltos, roubos e furtos; e presença de criminosos.
- Foram muito recorrentes os relatos de violência policial, de casos de tentativa e intimidação por parte de organizadores do crime, e de situações em que os participantes testemunharam ameaças com armas de fogo e trocas de tiro na comunidade.
- A percepção sobre o próprio bairro é bastante negativa: são locais marcados pelo uso de drogas, pela falta de segurança e pela falta de perspectivas para crianças, adolescentes e jovens que vivem ali.
- Muitos participantes mencionaram o estigma que carregam por serem moradores de determinada comunidade, dado seu histórico de violência. Casos de taxistas que se recusaram a levar passageiros, compras que nunca foram entregues e a discriminação que os moradores de determinada localidade sofrem ao procurar emprego são emblemáticos.

“Outro dia, minha irmã, que ela não sabia onde eu moro, tava andando de táxi, quando ela falou pro taxista que era no Jardim Paraná, ele falou ‘Ah, lá eu num entro.’ Desse jeito. Falou assim, ‘Lá eu num entro.’ Minha irmã, eu fiquei morrendo de vergonha quando a minha irmã me falou, né?”

Mãe de adolescentes e jovens,
moradora da Brasilândia, São Paulo

“Se tá rolando uma festa na cidade, aí tem uma galera lá, pensam, ‘Eles são do Ibura, vai roubar aqui’. Já pensa que a gente vai roubar, sendo que a gente foi pra curtir a festa. ‘São do Ibura, quer roubar.’ Aí quer botar pra correr...”

Jovem morador do Ibura, Recife

- Em todos os grupos, o consumo de entorpecentes apareceu e foi direta ou indiretamente associado a atos violentos ou delituosos.
- Em relação às motivações sobre o envolvimento com violência, nos grupos de policiais e mães predominou a concepção de que o ambiente e o contato social com criminosos constituem o maior risco para os jovens. Já entre os jovens, ganhou força a ideia de que se trata de uma escolha individual, por vezes impulsionada pela pressão dos pares.

Para ler o relatório desta pesquisa na íntegra: <http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos> - “Textos de Análise 3 - narrativas da violência. Análise regional”

Pesquisa exploratória sobre as trajetórias de adolescentes e jovens institucionalizados

A última etapa de pesquisa prevista neste Eixo consistiu na realização de entrevistas exploratórias com adolescentes internados e jovens presos em 14 Unidades da Federação, com ênfase em suas capitais, além de Luziânia, em Goiás.

As entrevistas foram realizadas com adolescentes entre 12 e 17 anos que estavam cumprindo medidas privativas de liberdade nos sistemas de medidas socioeducativas, e com jo-

vens entre 18 e 29 anos cumprindo pena em meio fechado no sistema prisional, que já tivessem sido sancionados ou condenados no momento da entrevista e que, preferencialmente, residissem em territórios de atuação do Pronasci no momento anterior à institucionalização.

Considerando o ineditismo de uma pesquisa comparada e as dificuldades logísticas de um projeto dessa magni-

tude, optou-se por estruturar um roteiro mínimo de questões e aplicar entrevistas exploratórias, guiadas pelos seguintes eixos: origens, escola, trabalho, relações anteriores à internação/prisão, família, vivência na instituição, trajetória no crime e redes de proteção.

No total, foram entrevistados 214 adolescentes e jovens institucionalizados, sendo 132 no sistema prisional e 82 no sistema socioeducativo.

- Entre os 117 entrevistados que fizeram referência à sua família de origem, 21,4% afirmaram terem sido vítimas ou presenciado situações de violência doméstica durante a infância.

E: Você já viu ele brigando com a sua mãe?

J: Já vi, já.

E: Ele já chegou a bater nela?

J: Já.

E: E o que você fazia?

J: Nós separava. Ficava chorando, separando.

E: Você chegou a brigar com ele por conta disso?

J: Não. Nunca briguei com meu pai.

Jovem entrevistado em Recife, institucionalizado por homicídio

A: Quando eu era pequeno, ele vivia espancando a minha mãe.

(...)

E: Com vocês, ele [o pai] chegou a cometer violência também? Bater?

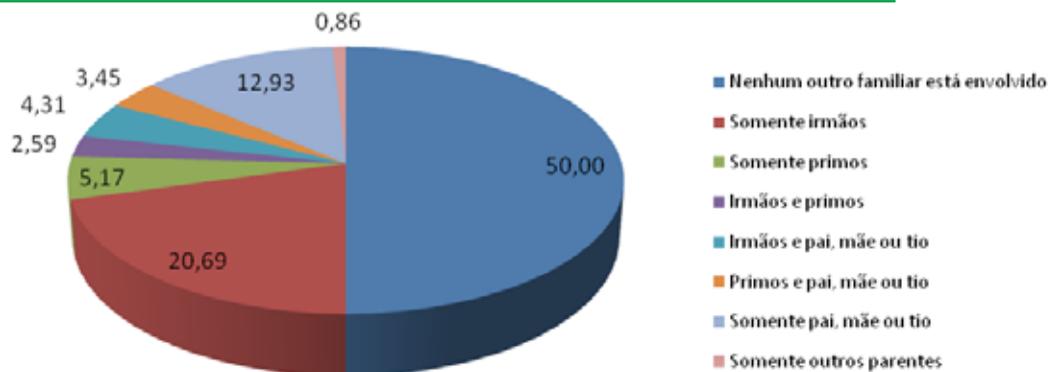
A: Bastante. Já me jogou embaixo do caminhão, eu e minha mãe, quando eu era pequeno.

Adolescente entrevistado em Brasília, institucionalizado por homicídio

- 14,5% dos entrevistados que mencionaram suas famílias de origem afirmaram ter tido familiares assassinados. Esse resultado é quase 7 vezes superior à porcentagem de jovens que declararam ter tido parentes assassinados na pesquisa realizada pelo Datafolha.
- Houve poucos relatos de pais e mães envolvidos com atos ilícitos (5,9%), mas 14,5% declararam ter tios envolvidos com atos ilícitos. 36,12% dos entrevistados que declararam o envolvimento ou não de familiares em atos ilícitos mencionaram um irmão ou primo.
- A identidade com o bairro é uma característica marcante: 86,3% dos entrevistados mencionaram ou relataram suas vivências a partir das relações sociais estabelecidas no bairro. As menções a contextos de violência e criminalidade no bairro foram feitas por 71,8% dos entrevistados.

Distribuição dos entrevistados que declararam ter familiares envolvidos com atos ilícitos (%)

Municípios pesquisados - 2009/2010



- Entre as razões para a violência letal, muitos citaram o tráfico de drogas, rixas e desavenças, agravadas pelo fácil acesso a armas de fogo.

- Pelos relatos, depreende-se que a violência letal contra adolescentes e jovens ocorre normalmente dentro do próprio bairro, em decorrência de conflitos com outros adolescentes e jovens do mesmo bairro ou de locais próximos.

A: Tava jogando bola lá e eu fiz uma jogada que o cara não gostou. Aí, começou...

E: O que foi? Você deu um drible nele?

A: Dei um drible nele. Aí, os caras começaram a zoar dele. Aí, ele foi na casa dele e pegou a arma dele e botou na minha cabeça. Aí, eu, com medo de morrer... Aí, ele não atirou, né? No outro dia, eu, com medo de morrer, fui e matei ele.

Adolescente entrevistado em Brasília, institucionalizado por homicídio

E: E tem muita rixa lá no bairro, de um grupo contra outro grupo?

A: Não, só treta mesmo.

E: O que é treta?

A: Assim, que já tem furo desde pivete.

Pronto: eu sou bem pequenininho, aí, dou um murro numa pessoa e aquela pessoa cresce...

E: E depois vem atrás?

A: É.

Adolescente entrevistado em Fortaleza, institucionalizado por roubo

- Os entrevistados também relataram espancamentos de pessoas já detidas, execuções sumárias e perseguições pessoais por parte da polícia.

Para ler este material na íntegra:

<http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos> - Texto de análise 4 - narrativas da violência: institucionalização

Eixo 2: Sistematização das experiências de prevenção à violência entre jovens no país

O segundo Eixo do projeto teve por objetivo mapear e analisar experiências de prevenção da violência entre jovens desenvolvidas em todo o território nacional. Esse tipo de trabalho nunca havia sido realizado no

país e, portanto, havia uma lacuna em termos de conhecimento sobre os projetos e programas que tratam do tema. Assim, a pesquisa foi concebida para retratar diferentes experiências, analisando-as estruturalmente

para levantar princípios e diretrizes que pudessem orientar outras iniciativas dessa natureza. Este trabalho foi desenvolvido pela equipe do Ilanud em algumas etapas que serão relatadas a seguir.

Levantamento de experiências

A primeira etapa de trabalho buscou identificar projetos e programas de prevenção da violência entre jovens no Bra-

sil. Para isso, foi feita uma extensa pesquisa entre parceiros, redes, relatórios de pesquisas anteriores e na internet, para

identificar, por todo o país, projetos, programas e outras iniciativas que trabalhassem com temas correlatos à pesquisa.

- Foram identificadas cerca de 400 iniciativas que tratavam de temas como juventude, prevenção à violência, tratamento de jovens vítimas, execução de medidas socioeducativas, prevenção ao uso de álcool e drogas.

Levantamento de informações e entrevistas

Em seguida, a equipe contatou as iniciativas e coletou informações preliminares, o que resultou em um banco de dados com 82 projetos e programas localizados em diversos estados do Brasil. Dessas iniciativas, 43 foram selecionadas para a realização de entrevistas pessoais

com os gestores. A classificação das experiências segundo características que permitissem compará-las foi fundamental, e em relação às estratégias adotadas, as iniciativas sistematizadas puderam ser enquadradas nas cinco categorias elaboradas pela equipe: formação,

esporte, trabalho, cultura e empoderamento.

A partir dessa identificação, foram empreendidas as análises comparativas entre as iniciativas agrupadas por estratégia, observando os elementos recorrentes e os desafios que se impõem a cada uma delas.

- Foram analisadas 39 experiências desenvolvidas em 17 estados e 23 cidades.

Nome do projeto	Nome da instituição	Cidade	UF
Arte da Paz	Instituto de Defesa dos Direitos Humanos	Curitiba	PR
Atletas da Paz	Associação Luta pela Paz	Rio de Janeiro	RJ
Ciranda de Direitos	Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente do Estado do Tocantins "Glória de Ivone" - CEDECA/TO	Palmas	TO
Circo Guri	Kuambu Cultura e Social	Barra Bonita	SP
Comunidade Segura	Secretaria Municipal de Segurança Pública	São Leopoldo	RS
CONTRA	Nave (Núcleo Assistencial Veleiros da Esperança)	Sabará	MG
Crescer	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Trabalho - Prefeitura Municipal de Boa Vista	Boa Vista	RR
Dignificação pela educação cidadã e profissional	Cidade dos Meninos de Campo Grande	Campo Grande	MS
Escola Aberta	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal	Brasília	DF
Escola Formação da Juventude	Universidade Católica de Goiás	Goiânia	GO
Esporte à Meia Noite	Secretaria de Estado de Segurança Pública	Brasília	DF
ETAPAS	ETAPAS - Equipe Técnica de Assessoria, Pesquisa e Ação Social	Recife	PE
Eu Posso, Eu leio	Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável CIEDS	Fortaleza	CE
Fica Vivo!	Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) - UFMG	Belo Horizonte	MG
Galera Nota 10	Secretaria de Estado da Juventude, Desportos e Lazer - SEJEL	Manaus	AM
Grêmio em Forma	Instituto Sou da Paz	São Paulo	SP
Guardião Cidadão	Prefeitura Municipal de Santos - Secretaria Municipal de Segurança	Santos	SP
Hip Hop Pró-Ativo	Instituto de Pesquisa e Ação Comunitária IPAC-DF	Brazlândia	DF
Instituto Delta de Educação	Instituto Delta de Educação	Campo Grande	MS

Nome do projeto	Nome da instituição	Cidade	UF
Instituto Mirim	Instituto Mirim de Campo Grande	Campo Grande	MS
Instituto Oficinas Querô	Instituto Oficinas Querô	São Paulo	SP
Instituto Reação	Instituto Reação	Rio de Janeiro	RJ
Jovens Urbanos	CENPEC - Centro de estudos e pesquisas em educação, cultura e ação comunitária	São Paulo	SP
Lugar da Palavra	NAV - Núcleo de Estudos da Violência	Rio de Janeiro	RJ
Luz, Câmera... Paz na Escola!	Ciranda (Central de Notícias dos Direitos da Infância e Adolescência)	Curitiba	PR
Novos Caminhos	Associação Luta pela Paz	Rio de Janeiro	RJ
Oficina Cultural Consciência Negra	Centro Cultural e Social Grito de Liberdade - Mestre Cobra	Brasília	DF
Papo de Resposta	Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	RJ
Picasso Não Pichava	Programa Picasso Não Pichava - SSP/DF	Brasília	DF
PPCAAM (RJ)	Organização de Direitos Humanos Projeto Legal	Rio de Janeiro	RJ
Pra Ficar de Boa	Centro Cultural e Social Grito de Liberdade - Mestre Cobra	Brasília	DF
Praças da Paz	Instituto Sou da Paz	São Paulo	SP
Programa H	Instituto Promundo	Rio de Janeiro	RJ
Prosepa	Brigada Militar - PROSEPA - Programa social Educativo Profissionalizante de Adolescentes	Porto Alegre	RS
R.U.A.S	Cedeca Interlagos	São Paulo	SP
Rotas de Fuga	Observatório de Favelas	Rio de Janeiro	RJ
Sou pela Vida	Prefeitura Municipal de Vitória	Vitória	ES
Taquarana	Centro de apoio à vida - Girassol	Taquarana	AL
Vankate	Associação Cultural Esportiva Ecológica Raízes da Natureza - Vanderlei Karatê (Aceeran Vankate)	Viana	ES
Viva a Vida	Lar Fabiano de Cristo	Florianópolis	SC

Grupos de consulta

Após a análise das entrevistas feitas aos projetos selecionados, foram realizados dois grupos de consulta, para os quais foram convidados 29 gestores de projetos entrevistados e 11 jovens participantes de alguns desses projetos. A realização dos grupos de consulta teve como objetivo debater e apreender aspectos relevantes trazidos pelos gesto-

res responsáveis pelas iniciativas e pelos jovens participantes.

Em dois grupos separados, jovens e gestores debateram temas relacionados aos contextos de execução, público participante, atividades e resultados. Os gestores foram reunidos de acordo com a estratégia preponderante em seus projetos, o que permitiu a identificação

de elementos considerados fundamentais para as iniciativas. No grupo de jovens, foram questionadas suas realidades, suas visões de mundo e sua relação com os projetos do qual fazem parte. Em outro momento, os grupos de jovens e de gestores se reuniram para debater as diferentes visões apresentadas sobre a mesma temática.



Os grupos de consulta aconteceram em dois dias de encontro em São Paulo-SP



Foram realizados grupos de jovens e de gestores e momentos conjuntos, buscando compreender melhor as realidades dos projetos



Análise e relatório final

As etapas de identificação e coleta de informações resultaram na reunião de um material com um conteúdo riquíssimo, que foi analisado para compreender cada uma das experiências em suas especificidades, vislumbrando identificar elementos comuns que permitissem compará-las ou agregá-las. A partir das análises e da leitura da vasta bibliografia levantada, foi possível apreender os conteúdos das

experiências sistematizadas e identificar orientações, princípios e diretrizes para projetos ou programas de prevenção da violência.

O relatório final da sistematização concentra os principais achados da pesquisa, as recorrências, os temas sobre os quais se deve refletir e as orientações para se prevenir a violência entre jovens.

Além disso, a partir da sistematização, foi elaborado um Documento de

Diretrizes para projetos de prevenção à violência entre jovens, que pode ser utilizado por gestores públicos, da iniciativa privada e do terceiro setor para a formulação e implementação de projetos sobre o tema. Trata-se de um material inédito no país que visa servir de guia para as experiências em curso e as demais ações que estão por vir para enfrentar o problema da violência que vitimiza os jovens brasileiros.

As experiências analisadas adotam pelo menos uma entre cinco estratégias: formação, esporte, trabalho, cultura e empoderamento

- Das 39 iniciativas analisadas em profundidade, quatro são executadas por associações, uma por empresa, 20 por ONGs, três por OSCIPs, uma é extensão universitária e 11 são políticas públicas, das quais oito estão no âmbito estadual e três no municipal.
- Os elementos em comum que apareceram de maneira mais recorrente nestes projetos foram: parceria com o poder público (por meio de escolas, posto de saúde, com a polícia, etc.), (31 projetos), financiamento público (28 projetos), limite de tempo ou idade para participar do projeto (24 projetos) e realização de oficinas multidisciplinares (22 projetos). A maior parte das iniciativas ocorre nas regiões periféricas de grandes cidades, no contexto urbano, e está localizada nas capitais.
- A sistematização concluiu que não é possível definir um modelo único que possa ser adotado por qualquer projeto ou programa de prevenção da violência entre jovens. As experiências de prevenção organizam-se a partir de contextos específicos e não podem ser integralmente transplantadas a outros contextos, sem transformações ou adaptações.
- As Diretrizes apresentam uma série de elementos que devem ser observados na elaboração de um projeto de prevenção à violência entre jovens, trazendo como exemplos de iniciativas bem sucedidas das experiências sistematizadas e que podem servir de inspiração para novos projetos.

Para ler a sistematização na íntegra: <http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos - Eixo 2: Sistematização de Experiências de Prevenção à Violência entre Jovens - Relatório Final e Diretrizes para Projetos de Prevenção à Violência entre Jovens>

Eixo 3 - Formação de gestores e elaboração de cartilhas sobre o tema prevenção da violência

Este Eixo desenvolvido pela equipe do Instituto Sou da Paz, teve como foco a disseminação de conhecimentos para gestores públicos e de organizações da sociedade civil que trabalham com adolescentes e jovens, visando contribuir para o aprimoramento e o desenvolvimento de projetos e políticas de prevenção da violência direcionadas a este público. Ainda que existam, conforme a etapa de sistematização pôde verificar,

centenas de iniciativas em curso que se autodenominem como de prevenção da violência, é preciso avançar no debate sobre o que é de fato um projeto de prevenção e como as ações podem ser aperfeiçoadas para obter resultados mais eficazes. Um dos pontos nesse processo é a formação de gestores para que consigam se apropriar da discussão sobre segurança pública a partir do novo paradigma, entender a importância das ações

preventivas, como elas podem acontecer com foco no público jovem e quais os temas que devem ser priorizados.

Assim, o trabalho neste Eixo consistiu na realização de seminários de sensibilização, na produção de cartilhas temáticas, na realização de dois encontros de formação mais aprofundada e num plano de formação para educadores que atuam com jovens em contexto de extrema violência.

Seminários para gestores em todo o território nacional

Ao longo de 2009, foram realizados 16 seminários em todo o Brasil, nas regiões onde o PRONASCI atua, voltados a gestores públicos e de organizações sociais que atuam com juventude e/ou prevenção da violência. Denominados “Juventude e Prevenção da Violência: Novas Perspectivas”, os

seminários aconteceram graças ao apoio logístico de parceiros locais em cada município, e sempre que possível, com o suporte e presença de articuladores locais do PRONASCI.

O formato dos seminários foi concebido para estimular a participação dos mais variados setores e garantir

uma formação básica sobre conceitos e conteúdos que devem orientar iniciativas de prevenção da violência. O seminário buscou também promover a troca de experiências e a integração dos participantes, a partir dos problemas locais levantados pelo próprio grupo.

- Além de receber uma formação sobre o novo paradigma da segurança pública, estratégias de prevenção e o que significa ser jovem, os participantes realizaram atividades práticas para levantar os problemas em suas localidades, os fatores de risco e proteção e como fortalecer e integrar as ações em curso.
- 913 gestores de 90 municípios diferentes foram sensibilizados, com 94,1% de aprovação geral por parte dos participantes.

"O conteúdo superou minhas expectativas, saio daqui com outra visão de violência."

Curitiba - PR



"Foi de grande valia este seminário, pois nós, que estamos frente a frente com estes problemas diariamente, precisamos estar aptos para sabermos como prevenir a violência, meios de prevenção, precisamos antes sabermos fatores de risco, para até entrarmos com os fatores de proteção."

Sabará - MG



Produção de cartilhas temáticas

A constatação de que faltam materiais que combinem conceitos relevantes para a discussão sobre prevenção da violência entre jovens e experiências e dicas concretas para auxiliar os gestores na implementação ou qualificação de programas voltados à prevenção da violência para esse público, motivou a produção de cartilhas temáticas. As cartilhas foram concebidas para serem materiais de referência, curtos, objetivos, com aportes conceituais e apresentação

de experiências concretas, com o intuito de inspirar ações semelhantes.

Para definir os temas e conteúdos das cartilhas, a equipe do projeto levantou uma série de materiais (livros, publicações, pesquisas, artigos e vídeos), consultou os parceiros do projeto e também os 172 participantes dos primeiros cinco seminários realizados em 2009 (MG, RS, ES, DF/GO e AC). Estes apontaram a importância de trabalhar a prevenção da violência no âmbito das esco-

las (que são o equipamento público mais frequentado pelos jovens), nas cidades (destacando a apropriação do espaço público e o planejamento urbano), com foco na cultura de paz como um contraponto à cultura da violência, e também de se discutir e propor recomendações para melhorar a relação entre jovens e policiais. A equipe supervisionou a redação das cartilhas, que contaram ainda com a consultoria de especialistas nos temas abordados.

- Foi elaborado um kit com cinco cartilhas, sendo quatro temáticas (Escolas seguras; Cidade e espaços públicos; Cultura de Paz; Polícia e juventude) e uma (Prevenção da violência entre jovens: novas perspectivas) que reúne o conteúdo e a metodologia utilizados nos seminários de sensibilização, visando assim a disseminação deste conteúdo e a formação de outros gestores.
- Além de reunir conceitos e dados para se entender porque tais temas são prioritários e como podem ser trabalhados, as cartilhas apresentam experiências práticas, recomendações para os gestores e uma lista de materiais de referência para aqueles que desejarem se aprofundar mais sobre cada tema.
- Foram impressos 1800 kits de cartilhas, distribuídos para gestores das áreas de juventude e de prevenção da violência em todo o país. Elas também estão disponíveis para consulta nos sites do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e do Instituto Sou da Paz (www.soudapaz.org).



Estimular a aproximação entre polícia e juventude significa incentivar uma relação de mão dupla: de um lado, os agentes de segurança devem repensar como tratam a relação com a juventude, seja em momentos pontuais, como uma abordagem, seja no cotidiano, nas escolas e na comunidade; de outro, é preciso que a juventude se aproxime destes profissionais.



Para ler estes materiais na íntegra:

<http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos> - Cartilhas temáticas

Encontros de formação de gestores

Os encontros de formação previstos no projeto tinham como objetivo capacitar gestores públicos, organizações da sociedade civil e profissionais do campo da segurança pública das regiões atendidas pelo PRONASCI, no desenvolvimento e implementação de programas nas áreas de juventude e segurança pública.

Durante a realização dos 16 seminários em 2009, foram levantadas

muitas questões e colhidos depoimentos que apontaram para a necessidade de mais espaços de debate, maior aprofundamento sobre o assunto e a participação dos próprios jovens – o público-alvo das ações. Por conta disso, a equipe do projeto concluiu que os encontros de formação deveriam promover, além do encontro de alguns dos participantes dos seminários com especialistas, um

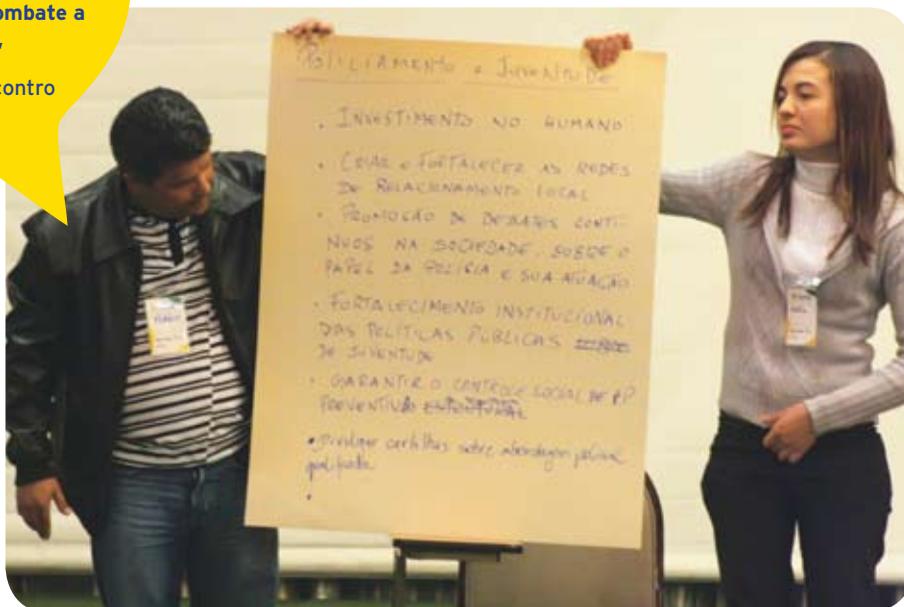
momento de interação com lideranças juvenis.

Foram realizados dois encontros, com a participação de 83 pessoas de 13 estados: um em São Paulo, no mês de maio de 2010, para os gestores que participaram dos seminários nos estados do Sul e Sudeste, e outro em Recife, para os participantes dos seminários dos estados do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, em junho de 2010.

- A programação dos encontros incluiu, além da apresentação dos resultados dos outros Eixos do projeto e de debates sobre qualificação das políticas, momentos de interação com jovens moradores de territórios vulneráveis à violência.
- As cartilhas foram lançadas no encontro de São Paulo e foram distribuídas aos participantes dos dois encontros.

“A oportunidade de dividir experiências e poder discuti-las com representantes do poder público é muito válida. Construir junto é de grande importância para o combate a violência. Parabéns.”

Jovem participante do encontro





"Ampliou conhecimentos e buscou estratégias para a elaboração e execução de projetos e programas com o tema. Qualifica e multiplica conhecimentos para organizar ações educativas, articulação e desenvolvimento com outras organizações."

Gestor participante do encontro



Formação para educadores que atuam com jovens em contexto de extrema violência

Além das atividades mencionadas anteriormente, outros dois materiais foram produzidos no âmbito deste projeto, em virtude do interesse dos parceiros em agregar conteúdo para aperfeiçoar a atuação de educadores que atuam com jovens em contexto de extrema violência. Trata-se de um guia prático para educadores que trabalham com adolescentes e jovens em contextos violentos, e um plano de formação, destinado às instituições, para qualificar a atuação destes educadores.

A elaboração destes materiais foi impulsionada por uma demanda do Protejo – Projeto Proteção de Jovens em Território Vulnerável, desenvolvido no âmbito do Pronasci, que identificou que seus educadores necessitavam de uma formação específica, no sentido de trabalhar as particularidades dos contextos de extrema violência e das relações que

ali se desenvolviam. Afinal, lidar com jovens em situações de violência é muito difícil, e, em muitos casos, os educadores acabam reproduzindo a lógica punitiva que não auxilia no processo de reinserção desse jovem ou o revitimiza, reforçando seu lugar de “coitadinho”. Também é complexo definir quando encaminhar o jovem à rede de proteção e quando o educador pode resolver a situação no âmbito do projeto. Há momentos também em que o educador se depara com temas complexos, como tráfico de drogas, legalidade e ilegalidade, violência doméstica, entre outros, necessitando de mais repertório para tomar decisões e conduzir a discussão com o grupo de maneira pedagógica.

Diante desse quadro, é que faz sentido uma proposta de formação de educadores sociais que possa ser adaptada pelas instituições que trabalham

com projetos de prevenção da violência juvenil. Assim, a equipe do projeto desenvolveu esta proposta de formação e um guia para o educador que atua em contextos de violência, em que são apresentados conteúdos conceituais e práticos para auxiliar suas atividades cotidianas e apontar caminhos quando as crises acontecem.

Os materiais foram elaborados a partir de visitas e entrevistas a projetos desenvolvidos nas cidades de São Paulo, Campinas, Duque de Caxias, Rio de Janeiro e Brasília, além de grupos de escuta com educadores que trabalham em contextos violentos.

Os materiais apresentam temas relevantes para a formação de educadores, como o papel do educador, concepção de juventude, trabalho em rede, arranjos familiares, juventude e polícia, mediação de conflitos, drogadição, entre outros.

- Os documentos apresentam recomendações sobre a postura do educador, sua relação com os jovens, como criar um ambiente seguro e participativo, como aproximar a família e a rede de proteção e quais princípios e valores podem nortear suas decisões em momentos de crise.
- Tanto o guia para educadores como o plano de formação reforçam a importância de as instituições proverem certo respaldo para seus funcionários, por meio de formações constantes, apoio técnico e supervisão.

Para ler estes materiais na íntegra: <http://www2.forumseguranca.org.br/ivj/documentos> - Plano de formação para educadores sociais que atuam em contextos de violência e Guia prático - Estratégias para atuação de educadores sociais em contextos violentos

E depois desse longo percurso, o que concluímos?

Fatores de risco e de proteção para o envolvimento de adolescentes e jovens com a violência

No âmbito dos estudos e discussões sobre as estratégias de prevenção da violência, vem ganhando força a utilização dos conceitos fator de risco e fator de proteção, amplamen-

te utilizados pela saúde pública na abordagem das epidemias. No contexto específico da segurança pública e da prevenção, estes termos se referem aos fatores que podem au-

mentar a possibilidade de ocorrência de uma ação violenta, ou aqueles que podem diminuir a probabilidade de situações de violência e neutralizar os fatores de risco.

Os fatores de risco podem ser estáticos, quando não podem ser alterados pela intervenção, ou dinâmicos, quando dizem respeito às interações entre grupos que ocorrem nestes locais, e que podem ser modificadas.

Aqui, serão apresentadas algumas observações sobre família, escola e polícia, bem como outros temas que merecem atenção por se constituírem como possíveis fatores

de risco ou de proteção. Longe de ser conclusões definitivas, essas observações permitem que se analise o problema sob outros enfoques e, assim, agregam mais conhecimen-

tos à discussão sobre o que contribui para aumentar ou diminuir a exposição e o envolvimento de adolescentes e jovens em situações de violência.

Família

As informações coletadas pelo projeto permitem fazer contrapontos a duas concepções bastante recorrentes quando se trata do papel da família em relação ao envolvimento de adolescentes e jovens com a violência.

A primeira delas é a de que a causa deste envolvimento com atos ilícitos e situações violentas seria a “desestruc-

turação” familiar. Ou seja, adolescentes e jovens criados em lares sem a presença do pai ou da mãe, por avós, outros parentes ou até mesmo por pessoas sem laços de consanguinidade, estariam mais propensos a se envolver com atos ilícitos e provocar ou ser vítimas de situações violentas.

A segunda concepção é a de que o

envolvimento de pais ou mães com atos ilícitos (denominado de “criminalidade parental”) seria um significativo fator de risco para seus filhos, que estariam, portanto, mais propensos a se envolver em situações ilícitas ou violentas.

No entanto, os seguintes dados nos levam a outros entendimentos sobre o papel da família:

- Do total de adolescentes e jovens institucionalizados que foram entrevistados, quase metade cresceu em famílias compostas por pai, mãe e irmãos, configuração que se mantinha à época de sua institucionalização. Ainda que a amostra de entrevistados não seja representativa de todo o contingente de adolescentes e jovens institucionalizados, trata-se de um dado que enfraquece a ideia do modelo familiar como determinante para o envolvimento de adolescentes e jovens com violência.

- Outro ponto a ser considerado é o fato de que as configurações familiares vêm se modificando nas últimas décadas, e, portanto, é preciso estar atento a essas mudanças e trabalhar com uma concepção de família mais adequada aos dias atuais. No entanto, mesmo entre gestores de projetos de prevenção, ainda é presente a ideia da família desestruturada em oposição ao modelo de família ideal, o que é pouco condizente com a realidade.
- As entrevistas com adolescentes e jovens institucionalizados revelaram que o envolvimento de pai e mãe com atos ilícitos pareceu ser menos significativo para o envolvimento do jovem com violência. Já no caso de parentes da mesma geração, como irmãos e primos, seu envolvimento com atos ilícitos pareceu influenciar mais o comportamento violento dos entrevistados. Ou seja, as relações de parentesco intrageracionais podem ser mais significativas para o envolvimento dos jovens com a violência.
- Finalmente, ainda em relação à família, a pesquisa observou que quando o jovem envolvido com violência é privado de liberdade, os laços familiares se reatam, e as mães são quem mais frequentemente visitam-nos. Esse é um dado que pode ser levado em consideração ao se pensar estratégias de reinserção social dos institucionalizados.

Escola

Dentre os equipamentos públicos, a escola é o mais acessado pelo jovem - e é natural que assim seja. Por isso, ela se constitui como um importante espaço de convivência e aprendizados para a socialização e, nesse sentido, tem potencial para ser um poderoso fator de proteção. A formação escolar também é compreendida como fator importante

para a superação da condição de vulnerabilidade social e de vulnerabilidade à violência, especialmente porque permite uma inserção mais qualificada no mercado de trabalho - também compreendido como fator de proteção. Nesse sentido, muitas das experiências analisadas no Eixo de sistematização atrelam a participação dos adolescentes e jo-

vens nas atividades à sua matrícula na escola.

Por outro lado, a exclusão da escola (ou seja, a não-frequência por conta do não-acesso ou da evasão) e a exclusão na escola (causada por mecanismos de reprovação e repetência que produzem a defasagem entre série e idade e desmotivam os alunos) se configuram como fatores de risco.

- Vale destacar que entre 123 adolescentes e jovens institucionalizados, 78,2% deles declararam ter evadido da escola em algum momento. As principais razões foram o envolvimento com drogas e atos ilícitos, a desvalorização da escola enquanto espaço importante para sua trajetória, a necessidade de trabalhar para complementar a renda familiar, a violência no bairro (as "guerras"), a expulsão (medida disciplinar tomada pela direção escolar para conter o entrevistado) e a exclusão na escola (em 38,1% dos casos de evasão declarados, foi observada defasagem idade/série igual ou superior a dois anos no momento da evasão).

Polícia

Considerando que em todas as etapas de pesquisa do projeto, a violência policial cometida contra jovens ou testemunhada por eles surgiu com muita força, pode-se dizer que a polícia se constitui como um fator de risco dinâmico nas comunidades onde estes adolescentes e jovens residem.

A fala de jovens sobre polícia é carregada de preconceito e desconfiança. Muitas vezes, ela é acompanhada de relatos de abuso de autoridade ou de violência policial. Entre os institucio-

nalizados, muitos relataram espancamentos de pessoas já detidas (imobilizadas), execuções sumárias (havendo, em algumas entrevistas, menção a grupos de extermínio) e perseguições pessoais (situações em que determinados indivíduos tornam-se alvo de assédio de determinados policiais, independentemente de estarem incorrendo em atos ilícitos ou não).

Por sua parte, os policiais que participaram dos grupos focais também demonstraram preconceito ao

referirem-se aos jovens. Aqueles que atuam na comunidade afirmam saber diferenciar quem é o “bandido” de quem é o “morador cidadão de bem”. No entanto, ao explicar como fazem a diferenciação, evidencia-se a criminalização dos jovens moradores de bairros e comunidades já amplamente estigmatizados como violentos. Nesses locais, os jovens são alvo de abordagens policiais constantes e não parecem ter liberdade de ficarem circulando à vontade no espaço público.

Na minha opinião, assim (...) eu já tenho na mente: é bermudinha de surfista, camiseta de marca (...) e tenisinho Nike, bigodinho ralo (risos) cabelo raspado tipo militar, é bandido. Eu acho que já tem um perfil. (...)
A gente sabe que o cara é bandido, a gente aborda ele, mas ele num tá com nada. (...)

Policial participante de grupo focal em Recife

- O preconceito mútuo entre jovens e policiais dificulta a relação entre eles e revela que, no campo das políticas públicas, há a necessidade de se investir em estratégias de aproximação desses dois públicos. Mais, há a necessidade de melhor circunscrever referências e informações que possam contribuir para a qualificação do trabalho policial para além dos estereótipos e/ou representações de senso comum.
- Boa parte dos conflitos entre policiais e jovens advém de representações dos policiais sobre a “ordem”, o “correto” e o “moral”, que tendem a discriminar as práticas de sociabilidade juvenis. Todavia, tais representações poderiam ser trabalhadas nas academias de polícia e em cursos de especialização na perspectiva da Constituição de 1988, que faz do Brasil uma sociedade multicultural e que reforça a democracia e a participação como eixos estruturantes das políticas públicas.
- Numa análise aplicável para todas as etapas do projeto, mas aqui destacada, a ideia de que o jovem precisa ou deve estar em espaços destinados a ele (casa dos pais, escola, quadra de esportes) delimita ou impede a apropriação de outros lugares de sociabilidade (como a esquina e a rua), onde os adolescentes e jovens também circulam e desenvolvem atividades de interação social e lazer. Conviver, estar, morar no bairro não significa apenas atravessar o território de um lugar para outro, mas sim circular, se encontrar, modificar e transformar a rua em campo de futebol, a esquina, a viela, o escadão, em ponto de encontro.

- Por certo isso impõe o desafio sobre como adaptar os padrões de policiamento atuais, muitos estruturados a partir de uma legislação que remonta aos Códigos Penais e de Processo Penal, dos anos 40 do século passado, à nova realidade da sociedade brasileira. Em suma, a Política Nacional de Segurança Pública, ao pensar na polícia que queremos, deve contemplar o reconhecimento das diferenças geracionais (como também as de gênero, étnicas, entre outras) no desenho dos procedimentos operacionais que deveriam guiar as ações dos policiais, inclusive para melhorar suas condições de trabalho e aproximar a polícia da população.

Referências para a juventude

A sociabilidade de crianças e adolescentes mais novos está bastante centrada nas instituições da família e da escola, mas, quando se trata de jovens, outras instituições se apresentam nas relações e interações sociais. Os jovens frequentam outros espaços, os pares (outros jovens) passam a exercer mais influência em suas es-

colhas e comportamentos do que as famílias e eles têm contato frequente com outros grupos e instituições, como a polícia, por exemplo. Assim, as estratégias para alcançar esses jovens fazem mais sentido se pensadas além dos ambientes da família e da escola.

Ainda que muitas das experiências de prevenção da violência analisa-

das pela sistematização já tenham se dado conta disso, nas falas de gestores de alguns desses projetos, bem como dos gestores públicos participantes dos momentos de formação, a família e a escola continuam sendo consideradas como as maiores referências para a juventude, a despeito de outros grupos e espaços.

- Este projeto demonstrou como os jovens estão circulando em outros espaços e se engajando em outras atividades. A pesquisa conduzida pelo Datafolha, por exemplo, revelou que 80% dos entrevistados participam de um time ou grupo de prática esportiva; 76% participam de grupo religioso; quase 58% estão engajados em algum tipo de mobilização comunitária e 34,4% fazem parte de grupo de dança. Quando se trata de jovens moradores de territórios altamente vulneráveis, as opções se reduzem; entre os institucionalizados, por exemplo, muitos citaram somente a existência de campos e quadras de futebol em seu bairro, além da rua, como espaço de brincadeiras e socialização. Ao mesmo tempo, muitos relataram desejar que seus bairros contassem com mais equipamentos culturais e de lazer, revelando, portanto, uma demanda por mais oportunidades de acesso à cultura, e de lazer e socialização fora de casa e da escola.
- Em relação à influência de pares, as entrevistas com jovens institucionalizados revelaram que 36,21% deles mencionaram pelo menos um irmão ou primo envolvido em atos ilícitos. Esse dado é muito superior ao percentual de mães, pais ou mesmo tios envolvidos com o crime, sugerindo então uma maior influência de membros da mesma geração. Muitos dos institucionalizados também mencionaram a rivalidade entre grupos como causa da violência, sem, no entanto, se referir especificamente à existência de gangues.

- Nas falas dos gestores de projetos sistematizados, a questão das referências para os adolescentes e jovens apareceu com força, e muito se falou em fortalecer referências positivas como um contraponto aos exemplos “negativos” (pessoas envolvidas com crime e violência) presentes nas comunidades. Em alguns momentos, isso significa que os próprios educadores devem estar preparados para ser estas referências; em outros, que os jovens que passam pelo projeto sejam uma referência para outros jovens ao construir trajetórias de vida não pautadas pelo envolvimento em atos ilícitos e violentos.
- Percebe-se, portanto, que a questão das referências para a juventude deve ser considerada, buscando-se ir além da família e da escola como atores centrais.

Cultura da violência

Ao longo do projeto, foi possível perceber a influência do que poderia ser denominado “cultura da violência”, ou seja, um conjunto de normas, valores e atitudes que são legitimados e naturalizados pela sociedade e pelos jovens e que certamente influenciam o seu envolvimento com violência.

- Nesse sentido, o fato da família ter destaque no discurso de muitos dos entrevistados se justificaria por conta da expectativa de que ela seja a instituição responsável por transmitir certos valores aos jovens, dentre eles o da não-violência. No entanto, o que se percebe é que nos territórios mais vulneráveis há uma disseminação generalizada desta cultura de resolução dos conflitos pela força e pelo uso exacerbado da violência, inclusive dentro das famílias - basta lembrar que muitos dos institucionalizados apontaram ter sido vítimas ou ter testemunhado situações de violência doméstica.
- A cultura da violência também se revela no discurso dos adolescentes e jovens, quando fazem referência a comportamentos e atitudes que expressam ideais de masculinidade/feminilidade e relações de dominação entre indivíduos e grupos. Como exemplo, citam atitudes propriamente masculinas que, entre adolescentes e jovens, vêm associadas ao uso de drogas e à participação em delitos. O uso de drogas “pra mostrar que é homem”, “pra ficar doidão”, “pra estar por cima”, “pra ser mais que os outros” é tipicamente inerente ao sexo masculino como forma de distinção em relação ao próprio grupo. O envolvimento com roubos e assaltos, ou com o tráfico de drogas, “pra ser um fora da lei”, “pra ter respeito”, “pra ter moral”, “pra ser o maioral” segue a mesma linha. Essas atitudes estão ligadas a comportamentos que visam expressar a ideia de superioridade e impor respeito por meio da intimidação, como portar armas na cintura, drogas nos bolsos, exibir-se com armas em perfis de redes sociais na Internet.

- Entre os institucionalizados, aparece com frequência o tema “matar para não morrer”, nem sempre relacionado (como crê o senso comum) a confrontos pelo domínio dos pontos de comércio de drogas. As “guerras” (como os próprios jovens as denominam) entre grupos rivais parecem estar mais relacionadas a disputas entre jovens que fazem de seu território, o bairro, fonte de sua identidade.
- Em relação aos motivos para se envolver e ser agente da violência, alguns entrevistados institucionalizados apontaram a existência de um complexo código local de condutas, cujos deslizes podem levar à morte. E esse contexto se agrava diante da ampla disseminação e do fácil acesso às armas de fogo, mencionados tanto por jovens institucionalizados, como pelos participantes dos grupos focais.

**E: E nesses dances, assim, acontece muita
briga com o pessoal ou é tranquilo?**

A: Acontece.

E: Por que é que tem briga?

A: Porque tem uns ficando com a mulher dos outros.

E: O pessoal vai armado para esses dances?

A: Só umas pessoas.

E: E acontece, assim, briga de tiro? Faca também? Não?

**A: Só revólver. Não tem mais esse negócio de
faca, não. Só revólver mesmo.**

Adolescente de Fortaleza
institucionalizado por roubo

Drogas, álcool e armas

A literatura sobre fatores de risco e proteção para o envolvimento com violência sugere que drogas, álcool e armas são fatores de risco na medida em que catalisam ou potencializam a ocorrência de situações violentas. Ao longo deste projeto, o abuso de álcool e o consumo de drogas foram temas recorrentes nas falas de entrevistados, mas não foi possível comprovar em que medida têm influência sobre a violência letal.

- Em relação ao álcool, ele parece estar mais relacionado às situações de violência doméstica – adolescentes e jovens institucionalizados que relataram situações sofridas ou testemunhadas em casa, afirmaram que seus pais, agentes da violência, estavam sob efeito de álcool.
- Já os jovens ouvidos nos grupos focais, moradores de territórios vulneráveis, afirmaram que o uso de drogas e álcool é uma situação muito frequente nessas localidades, vivenciada dentro da própria família, na convivência com amigos e colegas, nas escolas e em seu entorno e na vizinhança. Os relatos são acompanhados comumente de episódios de envolvimento com atos ilícitos, como furtos e roubos a fim de obter rendimentos para comprar drogas, agressões e espancamentos e homicídios ligados a dívidas, disputas entre facções e gangues rivais.
- A questão do consumo frequente de drogas, chegando à situação de drogadição, aparece nas falas como fator de risco para a violência, uma vez que crimes podem ser cometidos para sustentar o vício, e atos de violência podem acontecer pelo desentendimento em relação à compra de drogas.
- As armas de fogo merecem destaque, na medida em que foi recorrente a afirmação de que é fácil obter (por meio da compra ou aluguel) uma arma de fogo, e que os grupos mais expostos à violência relataram ser comum ver pessoas andando armadas em suas comunidades. Adolescentes e jovens institucionalizados chegaram a afirmar que é possível adquirir uma arma tanto de traficantes quanto de policiais que atuam na comunidade. Esses relatos chamam a atenção não só para a necessidade de se aperfeiçoar o controle sobre a circulação de armas de fogo e adotar medidas que dificultem seu comércio ilegal, como também de considerar o que estas armas simbolizam para os jovens e porque exercem tanto fascínio sobre eles. Nos relatos, foi recorrente a ideia de que as armas representam o poder exercido pelos criminosos e que, portanto, portar uma arma significaria obter visibilidade e reconhecimento.

Contribuições deste projeto ao debate sobre prevenção da violência entre jovens

O projeto “Juventude e Prevenção da Violência” foi concebido e implementado com o objetivo de gerar insumos para políticas de prevenção voltadas a esse público. Ao término de sua execução, considerando todo o conhecimento produzido pelas diversas atividades previstas e realizadas (pesquisas, sistematização, entrevistas, cartilhas e momentos de formação) podemos relacionar as principais contribuições do projeto ao debate e à formulação das políticas públicas que pretendem prevenir a violência entre adolescentes e jovens.

Entre estas contribuições, vale destacar a confirmação de que a violência tem incidência territorial. Ainda que se perceba um sentimento de insegurança disseminado em toda a sociedade, a violência letal se concentra em determinadas áreas, e as diversas etapas de pesquisa deste projeto demonstram que, a despeito de diferenças regionais, estes locais apresentam características muito semelhantes: falta de equipamentos e serviços públicos, assentamentos precários, disseminação de armas de fogo,

eventual presença de organizadores do crime, estigmatização por parte da mídia e da sociedade em geral.

Também foi possível concluir que a prevenção se constitui de fato como uma ferramenta potencialmente eficiente para lidar com a exposição e o envolvimento de adolescentes e jovens com a violência. Quando se analisa essa situação com mais profundidade, surgem inúmeras questões que devem ser tratadas sob uma perspectiva preventiva. A título de exemplo, podemos citar a precariedade dos assentamentos urbanos nas regiões mais vulneráveis à violência, a baixa escolarização de adolescentes e jovens envolvidos em atos ilícitos, a influência de valores e modelos de masculinidade que levam o jovem a se expor e se envolver com violência, o histórico de violência dentro de casa presenciada ou sofrido pelos adolescentes e jovens, dentre outros.

O trabalho de mapeamento e análise de experiências de prevenção da violência realizadas em todo o país buscou levantar elementos, princípios e diretrizes presentes nestas iniciativas que poderiam orientar outras ações com o mesmo objetivo. Ao final desta empreitada, tendo identificado experiências bastante diversificadas, não chegamos a um modelo de projeto de prevenção que pudesse ser replicado, e nem acreditamos que isso seja possível. Diante da complexidade do fenômeno da violência e considerando todos os fatores que concorrem para o envolvimento de adolescentes e jovens com a vio-

lência letal, parece inviável determinar uma solução única, uma receita pronta, que seja efetiva em qualquer contexto. A aposta, aliás, não deve ser em uma iniciativa isolada para prevenir a violência, mas na combinação de diversas estratégias, focadas no mesmo território e desenhadas a partir de suas especificidades, para dar conta do problema – mais uma vez, portanto, o território ganha centralidade.

Ao desenvolver um indicador que permite identificar os municípios mais vulneráveis à violência, contribuimos para que se possa investir justamente nos territórios que mais necessitam de ações que possam reverter essa condição. As escutas com jovens, gestores, mães e policiais também nos permitem identificar temas que merecem ser tratados com prioridade no desenho de políticas, ações e programas de prevenção. A relação conflituosa entre juventude e polícia, a cultura que valoriza e dissemina modelos de sociabilidade pautados na violência, a disseminação das armas de fogo nas comunidades, o papel da família e da escola, a influência de pares e a própria relação dos adolescentes e jovens com o território são questões que precisam ser consideradas.

Finalmente, esse projeto nos permitiu levantar desafios para que se possa avançar no debate e na qualificação de políticas de prevenção. Um desses desafios diz respeito à necessidade de formação dos gestores sobre o tema. Por mais que o novo paradigma da segurança pública venha se consolidando e sendo incorporado

Vale destacar a confirmação de que a violência tem incidência territorial.

por diversas instituições e nos diversos níveis de governo, ele precisa ser mais capilarizado. Nesse sentido, também é essencial fazer com que setores que tradicionalmente lidam com segurança pública incorporem a juventude como um público prioritário, e para isso compreendam o que significa ser jovem, as especificidades dessa fase de vida, deixando de lado concepções já superadas que associam a juventude a uma fase de risco e os adolescentes e jovens a seres sem autonomia, sem voz nem direitos. Ao mesmo tempo, é preciso que o debate e a agenda de segurança pública sejam cada vez mais apropriados pelos setores que lidam com juventude, para que estes possam contribuir com a elaboração de políticas direcionadas a este grupo. Isso pode ser especialmente interessante quando se pensa na relação entre polícia e juventude que, pelos relatos de jovens, suas mães e até mesmo dos policiais consultados nas etapas de pesquisa do projeto, é absurdamente violenta. Também é importante quando se pensa a atuação cotidiana de educadores

que lidam com adolescentes e jovens em contextos de extrema violência, e necessitam de mais repertório para lidar com situações de crise.

Superar algumas concepções sobre a relação entre juventude e violência também é urgente. A ideia da rua e do bairro como potencialmente perigosos e diretamente responsáveis pelo envolvimento de adolescentes e jovens com a violência ainda permeia o discurso de muitos grupos ouvidos pelo projeto: desde policiais e mães de adolescentes e jovens, até de gestores de projetos e participantes das formações, que buscam então realizar ações e políticas para “tirar o jovem da rua”, e “ocupar seu tempo livre”. É preciso inverter essa lógica, e ver na rua, no espaço público, uma oportunidade para que adolescentes e jovens desfrutem experiências de sociabilidade pautadas pelo convívio democrático e pela não-violência. A concepção de que a desestruturação familiar é em grande parte responsável pela violência também precisa ser superada, como demonstram os dados apresentados neste relatório. E fi-

É preciso que o debate e a agenda de segurança pública sejam cada vez mais apropriados pelos setores que lidam com juventude, para que estes possam contribuir com a elaboração de políticas direcionadas a este grupo.

nalmente, ainda que o tema das drogas tenha sido recorrente nas falas de muitos grupos consultados ao longo do projeto, superando o discurso da pobreza como causadora da violência, ele precisa ser esmiuçado, para que se possa sair do senso comum e chegar a um entendimento mais aprofundado sobre a relação entre drogas, juventude e violência.

Estes são os apontamentos que, dentre tudo o que ouvimos, aprendemos e analisamos com este projeto, nos parecem mais significativos e que podem agregar conhecimento para o desenho e a implementação de políticas públicas de prevenção da violência.